

ESTUDOS NIETZSCHE

VOL. 16 - N. 01 ISSN 2179 - 3441

O andarilho e sua escrita: experimentalismo autoral em *Humano, demasiado humano*

*The wanderer and his writing: experimentalism and authorial performance in
Human, all too human*

Leonardo Origuela 

Mestrando em filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná; bolsista CAPES/Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná. Curitiba, PR, Brasil. Contato: prof.leoriguella@gmail.com

Resumo: A decisão de Nietzsche pelo estilo aforismático de escrita a partir de 1878 surge como a maneira exemplar de um experimentalismo característico de seu fazer filosófico a partir desse período. Desse modo, inicia-se na filosofia de Nietzsche o caráter experimental de suas ideias, agora reconhecendo o aspecto demasiado humano de suas maneiras de valorar. A escrita como sombra do andarilho exige de seus leitores dedos para nuances, acompanhando, sobretudo, as vivências (*Erlebnis*) do autor. A redação de *O andarilho e sua sombra*, de 1879 servirá aqui de ponto de partida para experimentar a possibilidade de uma performance¹ do autor, na medida em que, encontrando-se doente, escreve para si a grande saúde.²

Palavras-chave: Nietzsche. Aforismos. Escrita. Andarilho. Performance.

Abstract: Nietzsche's decision to use the aphoristic style of writing from 1878 onwards emerges as the exemplary form of experimentalism that characterizes his philosophical work from this period onwards. In this way, the experimental nature of Nietzsche's ideas begins in his philosophy, now recognizing the all too human aspect of his ways of valuing. Writing in the shadow of the wanderer requires its readers to have their fingers on the pulse, following, above all, the author's experiences (*Erlebnis*). The writing of *The Wanderer and His Shadow*, from 1879, will serve here as a starting point for experimenting with the possibility of a performance by the author, insofar as, finding himself ill, he writes himself to great health.

Keywords: Nietzsche. Aphorisms. Writing. Wanderer. Performance.

“Segues teu caminho de grandeza; essa deve ser agora tua maior coragem: que não haja mais nenhum caminho atrás de ti!” – O trecho de *O andarilho* na

¹ O termo performatividade é, em geral, associado ao expediente de Judith Butler no campo do gênero. Por isso, utilizaremos *performance* como uma opção mais bem colocada no sentido que pretendemos, qual seja, da atuação do autor Nietzsche, em sentido cênico, no interior do seu próprio texto.

² O texto é, desde aqui, escrito de forma ensaística, na modesta intenção de experimentar alguns argumentos em favor da hipótese de uma *performance autoral* ou encenação do autor em seu texto.

terceira parte de *Assim falou Zarathustra* poderia muito bem elucidar, de modo poético, a importância e o movimento operado pelo escrito *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres*, cujo primeiro volume foi publicado em 1878. No que diz respeito ao seu conteúdo, esse já havia sido iniciado nas primeiras semanas do festival de Bayreuth, quando em seu “despertar” Nietzsche já se sentia alheio ao ambiente wagneriano (EH, *Humano demasiado humano*, 2). A começar por seu círculo mais próximo de amigos, o texto de Nietzsche e a nova maneira de redigir seus pensamentos, marcados por seu *réalismo*, são causas de preocupação, como demonstram as cartas trocadas pelo filósofo com Malwida von Meysenburg e Erwin Rhode³. Além disso, a homenagem a Voltaire que descreve na correspondência 673 ao editor de sua nova obra, marca a emancipação de Nietzsche daquele idealismo de seus primeiros escritos; dedicatória feita a Voltaire, por certo, a partir das leituras que realizou junto a seus amigos em Sorrento, como relata a Franz Overbeck em dezembro de 1876 (BVN, 1876, 573). Por esses poucos elementos, podemos considerar que a publicação de *Humano demasiado humano* seja o símbolo de uma radical mudança nos rumos da filosofia praticada por Nietzsche a partir de então.

No ano seguinte, 1879, dois apêndices à mesma obra são redigidos: *Miscelânia de opiniões e sentenças*, em março; e *O andarilho e sua sombra*, em setembro, textos que serão juntados à composição do segundo volume de *Humano demasiado humano* somente sete anos mais tarde, em 1886. Pretendemos analisar aqui, de modo especial, este segundo texto, recorrendo suplementarmente às anotações póstumas da época, bem como ao prólogo de 1886 a *Humano, demasiado humano*. A primeira hipótese que queremos experimentar é a consideração do texto em questão como a sombra de um solitário andarilho; mas exatamente, trata-se de pensar como os motivos, a paisagem e a atitude peregrinante do homem solitário marcam a composição da última parte de *Humano, demasiado humano* e como nos seria possível ler o mesmo texto considerando-o como a sombra desse caminhante. Não suficiente, utilizaremos a estratégia comparativa entre o estado enfermo de Nietzsche nesse período com sua escrita em vista da “grande saúde”. A intenção é contribuir de algum modo com a pesquisa em torno da discussão da autoria e da encenação de si no interior do texto nietzschiano.

De imediato, podemos mapear o contexto geral da obra que aqui nos obsidia. Seu “monumento de uma crise” (EH Prólogo, 1), como assim descreve em *Ecce Homo*, resgata o mais radical sentido grego do termo *Krísis*⁴ e representa, de fato, um cenário de profundas mudanças. O rompimento decisivo com Wagner, o abandono das ideias de Schopenhauer e seu desencanto com a vida de professor na Basileia o acompanham nos seus exercícios de livre pensamento na companhia de Malwida von Meysenburg, Paul Rée e Albert Brenner nos dias em Sorrento. Sua descida ao sul – da Itália e de si mesmo – lhe revela um novo caminho.

³ 16 de junho de 1878.

⁴ Derivado do verbo *krinein*, refere-se ao julgar, distinguir, diferenciar. *Krísis* também se refere a um momento de decisão ou de súbita mudança.

Admirado com o estilo aforismático dos moralistas franceses, herdado sobretudo de La Rochefoucault⁵, e marcado pela “polêmica, o sarcasmo e os *insigths* derivados das observações atentas da condição humana” (OLIVEIRA, 2020, p. 450), Nietzsche lança mãos de uma escrita transgressora em vários níveis: em nível pessoal, no que diz respeito à *forma* de sua escrita; em nível profissional, uma vez que a redação entre os filólogos exigiria uma precisão e rigor que não poderiam ser oferecidos pelo estilo aforístico; em nível metodológico, pois, junto com o aforismo, também compartilha dos franceses o interesse sobre as origens da moralidade que considera os aspectos fisiopsicológicos ali envolvidos. Como prerrogativa do bom estilo, afasta-se dos períodos longos, que são mais suscetíveis ao equívoco (ITAPARICA, 2002, p. 54).

É certo que a escrita de *Humano, demasiado humano I* seja definitiva a partir de sua estada em Sorrento, em meio a suas paisagens, entre outubro de 1876 e maio de 1877, período que oportunizaram a privilegiada vista desde a varanda da Vila Rubinacci e os caminhos entre bosques e estradas. Suas dúvidas dizem respeito ao wagnerianismo, do qual o filósofo se julga conhecedor pela convivência com três gerações (EH, Prólogo, 2). Os próprios pensamentos que redige em seu texto, porém, são mais antigos, conforme relata no Prólogo de *Para a genealogia da moral* (GM, Prólogo 2). Por tudo isso nos autorizamos a pensar que a viagem e suas peregrinações ao longo das paisagens sorrentinas são oportunidades de ruminação de pensamentos, reavaliações e, mais que isso, de experimentos de pensamentos. Isso pode ser demonstrado, por exemplo, ao mencionar sua estada em Sorrento como um tempo de parada, como faz o andarilho, para voltar sua atenção à terra vasta e perigosa que até então seu espírito percorrera (GM, Prólogo 2). Portanto, não há dúvidas de como a paisagem atua de maneira inspiradora e ela mesma propicia o ambiente favorável para suas caminhadas em seus próprios pensamentos.

Toda essa ocorrência do primeiro volume e a pungência de suas motivações são importantes para a produção de *O andarilho e sua sombra*. Antes de tudo, sua composição. Nietzsche ainda sofre o peso da doença⁶ e, entre as duas redações importantes de 1879, entrega em 2 de maio sua carta de demissão à Carl Burckhardt, reitor da Universidade da Basileia (Carta 846). A partir disso, abraça uma vida errante que manterá até seu último ano produtivo, antes de seu colapso, em 1889. Nesse ponto, a redação de *O andarilho e sua sombra* e seu envio ao amigo

⁵ O estilo aforístico de escrita precede longinquaamente a filosofia de Nietzsche. Enquanto gênero textual, pode-se constatar a obra *Aforismos e sentenças* de Hipócrates, que reúne um conjunto de 578 aforismos somados a 40 casos clínicos. Mais adiante, no século XVII os moralistas franceses se servem do mesmo estilo como uma sofisticada estratégia para avaliações da moral. Seja ainda dito que na obra tardia de Schopenhauer também encontramos um conjunto de sentenças intitulado *Aforismos para a sabedoria de vida*; texto incorporado à obra *Parerga e Paraliponema*. Não suficiente, há ainda uma literatura que referencia também o mesmo uso do gênero entre autores orientais, aos quais Nietzsche teve algum acesso. No extremo, cada um desses se favorece do estilo aforístico de um modo muito particular. Entretanto, é com Nietzsche que a acuidade e sofisticação aforística alcançará maior fortuna no âmbito da filosofia.

⁶ Suas fortes dores de cabeça e seus problemas nos olhos são suas principais queixas neste momento, como se lê na carta 842, de 15 de abril de 1879, a Paul Réé.

Peter Gast em setembro do mesmo ano parece operar uma dupla função: (i) selar seu rompimento com a fixidez da carreira acadêmica e (ii) forjar o projeto de um solitário e errante pensador que agora adota para si, vivendo não mais que seis meses em cada lugar em que se hospeda. Dito isso, cumpre propor agora um modo de aproximação entre a escrita aforismática e o experimentalismo como método para se lidar com os vários conteúdos suscitados pelo pensamento.

O *andarilho e sua sombra* integra um conjunto de textos que traduz o experimentalismo que marca a filosofia de Nietzsche⁷. Como método, oferece a possibilidade do desmascaramento ou, mais exatamente, do rompimento com as convicções metafísicas que tentam empalidecer a témpera demasiado humana das avaliações (OLIVEIRA, 2009, p. 150). Desse modo, o processo experimental passa a ocupar o lugar de uma racionalidade metafísica que reclama para si o conhecimento verdadeiro. Ao contrário, o conhecimento experimental conserva o movimento das avaliações e, portanto, oportuniza sempre novas valorações a cada novo experimento de pensamento, observando brechas, conclusões mal inferidas, objeções ao curso dos argumentos e, ao final, cria novas significações. Nesses termos, se a racionalidade metafísica nega as vicissitudes em nome de uma lei ou conclusão definitiva, o experimentalismo afirma a vida, na medida em que, ao término de cada raciocínio, não sugere algo além de provisórias conclusões. O homem não mais atua como um decifrador do enigma da vida, mas agora se descobre diante dos diversos caminhos e mundos possíveis. A grande novidade, por assim dizer, do método experimental é que não se retira de cena o observador em vista de uma objetividade, mas é ele de tal modo implicado que “qualifica, mede, distingue e afere valores aos pleitos experimentais” (OLIVEIRA, 2009, p. 154). Em analogia ao movimento do andarilho, o espírito livreativamente valora seu mundo e assume a forma do peregrino de avaliar, a saber: o encontro constante de novas conclusões diante de si, ao longo da estada, sem que cada descoberta esteja livre da constante suspeita daquele que vive a experiência. Ao que parece, o experimentalismo surge como uma estratégia para a *grande saúde*, explicitamente no período que compreende a redação, sobretudo, da quarta parte de *Humano, demasiado humano*.

Devemos notar um *locus*, sobretudo corporal, desde onde o autor Nietzsche escreve. Assim, não fica claro que *O andarilho e sua sombra* trate de uma narrativa das vivências já superadas. Ao menos não é escrito em um momento de completa superação da sua doença, o que vai de encontro à sua primeira recomendação no prólogo do segundo volume de *Humano, demasiado humano*: que só nos é permitido “falar daquilo que superamos” (HH, Prólogo, 1). Note-se que no envio de seu escrito a Peter Gast, Nietzsche ainda não se encontra recuperado de suas dores de cabeça e seu problema nos olhos faz com que as páginas enviadas a seu amigo para serem passadas a limpo sejam praticamente ilegíveis. O escrito desse momento, portanto, não se trata de uma descrição daquilo que vivenciou, mas

⁷ Com indícios dessa novidade já em seu escrito de 1873, *Sobre verdade e mentira*, como demonstra Jelson Oliveira (2009, p. 152).

pode ter encontrado na figura do andarilho seu modo performativo de superação. Estaria, assim, associado mais ao esforço de uma autogenealogia em vez de uma autobiografia: esta se referiria mais aos conteúdos vividos e já superados, enquanto naquela se poderia supor as “condições de vida” que agem naquilo que é transcrito⁸. Analisemos essa possibilidade.

No prólogo de 1886 a *Humano, demasiado humano*, pode-se constatar diversas indicações autobiográficas que remontam aos anos de 1876 a 1878 em que, de fato, Nietzsche se encontrava bastante enfermo. Há ainda o emprego de um conjunto de termos importantes e que se referem ao âmbito da saúde, quais sejam: médico, exame, dor, fastio, enfermo. Cumpre dizer que, em *Humano, demasiado humano*, para além do ajuizamento comum entre bem e mal, Nietzsche passa a avaliar a partir do binômio doença-saúde, ou, mais exatamente, identifica aquilo que conduz à enfermidade e degenerescência e aquilo que promove a vida e a saúde. Estes surgem como parâmetros de avaliação que posteriormente extrapolam para diversos âmbitos: música, arte, escrita, modos de governo, entre outros temas. Nesse sentido, o modo de proceder em suas reflexões passa a ser autorreferencial e, portanto, autogenealógico, por estabelecer para si a tarefa de diagnosticar, como a tarefa fundamental do médico da cultura. Entretanto, o texto passa a descrever também um esforço curativo que visa a “abundância de saúde” (HH, Prólogo 5). Em favor do seu projeto terapêutico de uma “doutrina de saúde” (HH, Prólogo 2), Nietzsche se apropria da estratégia médica: “assim como um médico põe seu enfermo num ambiente inteiramente alheio [...], eu também me impus um clima da alma inverso e inexplorado, ou seja, uma peregrinação ao estrangeiro” (HH, Prólogo 5). Em meio à convalescência, a vontade de vida tratada no mesmo parágrafo, é a recompensa àquele que *cria* para si a sua saúde. O bom gosto do enfermo é que se *pareça* sôlo. E assim se pode compreender o que diz o filósofo:

A um olhar e uma simpatia refinados não escapará, no entanto, aquilo que talvez seja o encanto desses escritos – que ali fala um homem sofredor e abstinente, como se não fosse um sofredor e abstinente. Ali deve ser mantido o equilíbrio, a serenidade, até mesmo a gratidão para com a vida, ali reina uma vontade severa, orgulhosa, sempre vigilante e suscetível, que colocou a tarefa de defender a vida contra a dor e de abater todas as conclusões que, na dor, na desilusão, no fastio, na solidão e outros terrenos pantanosos, costumam medrar como fungos venenosos. (HH, Prólogo 5).

A sabedoria do convalescente é receitar para si a saúde em pequenas doses para que se torne sadio novamente. No entanto, a enfermidade aparece como condição para o surgimento do *espírito livre*. Após o *aprofundamento* vivido durante a doença e restabelecida sua saúde, o indivíduo percebe “que antes da doença encontrava-se fora de si e que ela lhe devolveu a si mesmo” (OLIVEIRA, 2010, p. 130). Torna-se, portanto, mais forte. Isso se expressa de modo mais simbólico na figura do andarilho, do solitário que cria para si a opção da grande saúde a partir

⁸ Sobre a diferenciação entre autobiografia e auto-genealogia, ver: VIESENTEINER, 2010.

do constante experimento de si. Mediante à solidão do andarilho é necessário se apoderar da *grande saúde*.

Se ainda nos detivermos na prodigiosa relação entre o andarilho e a sombra que lhe acompanha, podemos avançar no sentido simbólico que o próprio texto possui em relação ao momento vivido por Nietzsche. A experiência do andarilho é marcada por uma profunda exposição, pela convalescência, pelo reconhecimento das próprias fragilidades e limitações – em resumo, uma *aventura*⁹; no extremo, um reconhecimento de sua profunda humanidade e do seu próprio corpo. A sombra, a seu turno, representa a silhueta que não é o corpo, mas que lhe aponta seus contornos e, ao mesmo tempo, o profundo no próprio corpo que pode se ver – “a própria sombra deve ser sempre profunda”, diz o filósofo (FP 1879, 41[69]). Por esse motivo, uma sagaz interlocutora do andarilho: ela o conhece profundamente, mas tem uma existência para além dele. Contudo, é somente ao sol e no caminho que esse diálogo pode se realizar – diz a sombra: “quando o homem evita a luz, nós evitamos o homem” (HH, *O andarilho e sua sombra*). A sombra se desvia da claridade do sol, de modo que sempre conserva um fundo escuro e suspeitoso em seu diálogo. Com isso, os pensamentos apresentados e dialogados com sua sombra só podem ser considerados como experimentos caminhantes, no compasso dos movimentos de exposição do andarilho e da esquia de sua sombra do mesmo astro. A própria transcrição desses pensamentos deverá, assim, se tornar textos peregrinos¹⁰.

No que se refere ao texto enquanto projeto de publicação, encontramos um subtítulo bastante importante de ser analisado. Em um apontamento de julho de 1879, lemos o seguinte título: “O andarilho e sua sombra. Uma conversa pelo caminho” (FP 1879, 41[72]). O subtítulo refere-se a uma conversa descomprometida, marcada pela ociosidade, que acontece em uma viagem, entre pessoas que estão em movimento. De imediato isso já evoca duas características presentes no experimentalismo nietzschiano: a falta de compromisso (em alcançar conclusões definitivas) e o movimento (a transformação, o constante experimentar). Cortejando a estrutura do texto com aquilo que lhe afligia em suas vivências, é-nos permitido dizer que Nietzsche, diante da convalescência fisiológica, performa sua própria superação. Os aspectos fisiológicos e textuais consonantes na consideração de que o autor que escreve faz de si um autor-andarilho e que experimenta formas de saúde ou, mais exatamente, formas de superação, nos permite ver a autoencenação do autor em chave performativa. A implicação de todas essas hipóteses recai, sem dúvidas, sobre a interpretação do texto nietzschiano, de modo particular *O andarilho e sua sombra*. Na ausência de

⁹ Em seu sentido etimológico (*ad venture*), diz-se daquilo que está por vir, que é inesperado e que, portanto, pode gerar ansiedade ou expectativa do novo.

¹⁰ Isso se refere ao que Paulo César de Souza desenvolve no posfácio do segundo volume de *Humano demasiado humano*. Segundo ele, a obra está entre os, assim chamados por Nietzsche, *Wanderbucher*, “livros peregrinos” ou errantes, por assim dizer. Tal terminologia se encontra, sob a pena de Nietzsche, no prólogo de 1886 à mesma obra: “meus livros peregrinos não foram redigidos apenas para mim” (HH, Prólogo 6).

uma interpretação objetivamente dada, a exigência é que o leitor tenha a habilidade para ler nuances, de modo que possa “desenrolar a fina trama que constitui a tessitura do texto com o intuito de cultivar a própria autonomia, de buscar um caminho próprio” (PASCHOAL, 2012, p. 74). A leitura de *Humano, demasiado humano* precisa ser, portanto, uma leitura peripatética que, à diferença do contexto aristotélico, não reclama discípulos, mas sim espíritos livres, caracterizados pela errância intelectual que não fica em dívida com seu mestre, mas que podem seguir rumos próprios. Com isso, o texto não somente ensina a caminhar pelas muitas paisagens assimiladas na escrita, mas, antes disso, questiona seu próprio leitor: quais são os idealismos que ainda te assombram no caminho? O texto como tal, aparece como a enunciação, na linguagem, de uma codificação dos “interesses corporais, isto é, da avaliação orgânica” (BARRENECHEA, 2012, p. 136). Essa “sombra” se faz, portanto, enquanto transposição das vivências e, no caso, da *performance* da saúde, daquilo que é alheio ao doente, algo de estrangeiro e que, desse modo, pode dialogar com o enfermo. A paráfrase do título de nosso trabalho, nesse sentido, não é em vão: a escrita como sombra do andarilho-Nietzsche possui esse poder de dialogar, à semelhança do que se encontra no diálogo que inaugura *O andarilho e sua sombra*. O texto nietzschiano, por assim dizer, reclama uma posição, uma resposta ou, ao menos, uma reação – “quero te dar ocasião de falar” (HH, *O andarilho e sua sombra*).

No limite, a errância é um ponto fundamental tanto como chave de leitura de um texto aforismático de Nietzsche, como do ponto de vista do experimentalismo que requer um olhar atento e, ao mesmo tempo, disponível, sem a necessidade de certezas ou rumos bem definidos. Do modo científico de conhecimento importa ao filósofo apenas o método, sem que se aproprie da expectativa do resultado; em outros termos, importa-lhe o caminho, e como este lhe faz *experimentar*, sem que com ânsia espere o andarilho por algum ponto de chegada bem definido e seguro – “Para tornar-se sábio, é preciso querer experimentar certas vivências, ou seja, cair deliberadamente em suas goelas. Algo certamente muito perigoso: mais de um ‘sábio’ foi aí devorado” (HH II, *O andarilho e sua sombra*). Do lado de uma genealogia do texto, o modo como se movimenta o andarilho, em contraste com o corpo-vivências do seu autor, permite determinar a força da grande saúde e a atitude de forjá-la. A isso denominamos *performance*, pois, seu escrever a saúde coincide com o fazer a própria saúde.

Referências Bibliográficas

BARRENECHEA, Miguel Angel de. Corpo e interpretação. In: AZEREDO, Vânia Dutra de; SILVA JR, Ivo da. Nietzsche e a interpretação. Curitiba: CRV, 2012.

ITAPARICA, André Luís Mota. Nietzsche: estilo e moral. São Paulo: Discurso Editorial, 2002. (Coleção Sendas&Veredas).

PASCHOAL, Antonio Edimilson. A arte de ler nuances. In: AZEREDO, Vânia Dutra de; SILVA JR, Ivo da. Nietzsche e a interpretação. Curitiba: CRV, 2012.

OLIVEIRA, Jelson. A solidão como virtude moral em Nietzsche. Curitiba: Champagnat, 2010.

OLIVEIRA, Jelson. Nietzsche e La Rochefoucault: o moralista como psicólogo. Ethic@, Florianópolis, v. 19, n. 2, ago. 2020. p. 444-463.

OLIVEIRA, Jelson. O experimentalismo contra os idealismos nos escritos intermediários de Nietzsche. Pincípios, Natal, v.16, n.26, jul.dez. de 2009. p. 149-166.

NIEZSCHE. Assim falava Zaratustra. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE. Ecce homo: como alguém se torna aquilo que é. Trad. de Diego Kosbäu Trevisan. Petrópolis: Vozes, 2022. (Coleção Pensamento Humano).

NIETZSCHE. Genealogia da moral: uma polêmica. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE. *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres.* v. 2. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VIESENTEINER, Jorge Luís. Erlebnis (vivência): autobiografia ou autogenealogia? Sobre a “crítica da ‘razão da minha vida’” em Nietzsche. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 2, jul./dez. 2010. p. 327-353.

Recebido / Received: 13/11/2024
Aprovado / Approved: 25/02/2025